

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

#10

Literatura russa









Dez joias da **literatura** que todo russo conhece desde a infância

(e onde encontrá-las em português)

Por **MARINA DARMAROS** e **IÚLIA CHAMPOROVA**, especial para a Gazeta Russa

Graças a um currículo escolar que inclui obras-primas como Púchkin, Gógol, Tolstói, Soljenítsin e outros desde a infância, russos de todas as camadas sociais têm uma ligação cultural comum e um ponto de referência intelectual. Diversidade ideológica apresentada visa a incentivar o pensamento crítico.

Para os russos, a literatura clássica é mais que um caminho para aprender a língua ou passar o tempo. Alguns clássicos que fazem parte do currículo escolar têm um importante papel na formação da identidade

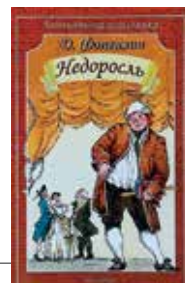
nacional cultural, e os russos adoram fazer referência a essas obras no dia a dia, comparando situações cotidianas com suas tramas, caracterizando colegas, falando de amor ou ódio ou apenas para fazer zombaria ou em expressões idiomáticas.

Todo russo entende tais referências porque todos leram os mesmos livros na escola. O Russia Beyond compilou uma lista das mais importantes dentre essas obras. Ler todas elas certamente o fará entender melhor a “alma russa”!

Autor desconhecido (gravado por F.A. Brockhaus, em Leipzig, 1893)



O menor Denís Fonvín



“Nedorosl” (em tradução livre do russo, “O menor”), trabalho satírico mais marcante de Denís Fonvín no século 18, tem trechos que se tornaram verdadeiras expressões idiomáticas e provérbios na literatura e na língua russa.

O protagonista, Mitrofanuchka, é um membro egoísta e sem educação da baixa nobreza e principal alvo dos chistes de Fonvín.

Logo após a publicação de “O menor” em 1783 na cena teatral moscovita, a comédia ganhou sucesso instantâneo. Mas Catarina, a Grande, proibiu Fonvín de publicar outras obras, o preço a se pagar pela cortante sátira dos costumes russos.

Fonvín é o único autor desta lista que ainda não tem nenhuma obra publicada em português. Sua obra “O menor” está disponível, porém, em inglês (“The minor”) na Amazon.



Encenação de O Menor, diretor Kirill Malov (Teatro em Pokrovka), 2018

O infortúnio da razão

Aleksandr Griboiédov

Diplomata e dramaturgo, Aleksandr Griboiédov entrou para a história da literatura russa como o autor de uma única peça, “Góre ot umá” (em tradução livre do russo, “O infortúnio da razão”).

Os monólogos do protagonista desta obra-prima, Tchatski, são frequentemente decorados na escola. A peça do século 19 mostra o conflito enfrentado por uma pessoa educada e incapaz de se encaixar em uma sociedade hipócrita.

Terminada em 1824, a peça foi publicada apenas em 1833 devido à censura do Estado. Mas o autor nunca viu “O infortúnio da razão” publicado. Embaixador na Pérsia, Griboiédov foi assassinado em 1829, aos 34 anos de idade, em uma revolta contra a Rússia em Teerã.

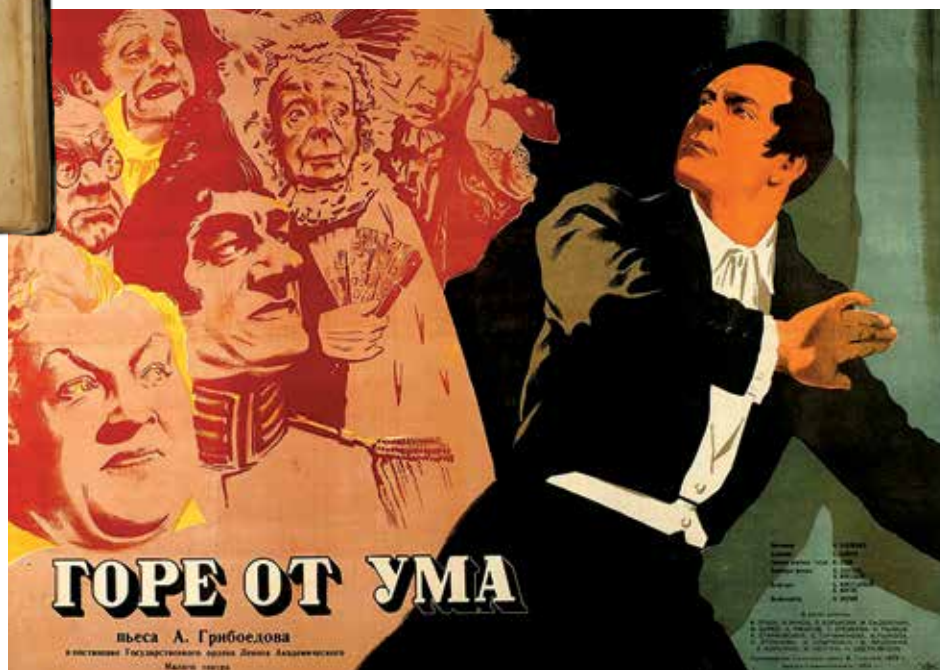
A obra não foi publicada em português, mas existe uma dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo disponível on-line que traz a tradução da peça por Polyana de Almeida Ramos.



Griboiédov (por Ivan Kramskoi, 1873)



Poster da peça dirigida por Yuri Popov em 2016



Poster do filme de 1952, com direção de Sergey Alekseev



Pushkin em Mikhailovsky, por Boris Valentínovich Shcherbakov, 1969

Evguêni Onéguin

Aleksandr Púchkin

Maior estrela da poesia russa, Aleksandr Púchkin foi pioneiro do gênero de romance em verso. Seu melhor exemplo é o trabalho brilhante “Evguêni Onéguin”.

A obra conta a história do romance desafortunado entre Onéguin, um *bon vivant* saciado e cansado da vida, e uma modesta moça do campo, Tatiana. Ela espera por um homem para se apaixonar, mas Onéguin, inicialmente, não a leva a sério.

Púchkin emprega muitas linhas descrevendo a cultura, a história e as tradições russas. O romance é chamado, com razão, de enciclopédia da vida russa do século 19, e continua a ser amado pelos russos desde tenra idade.

Os elementos mais vitais da obra incluem a famosa carta de Tatiana a Onéguin, descrições de Moscou, palavras dedicadas às belezas naturais do país e o humor e auto-ironia do escritor.

No Brasil, o livro foi publicado como “Eugênio Oneguin”, em 2010, pela Editora Record com tradução direta do russo pelo diplomata Dário Castro Alves. Sob o mesmo título, saiu em Portugal pela Editora Cátedra e, em 2016, pela Relógio d'Água. Altamente esperada também é a tradução cunhada por Elena Vássina e Alípio Correia de Franca Neto.



Apresentação de Evguêni Onéguin, com condução Igor Tomashevsky, libretto por Pyotr Tchaikovsky e Konstantin Shilovsky, 2012



Encenação do diretor Alexander Labygin, 2019

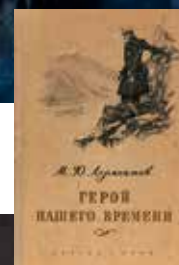
Um herói do nosso tempo Mikhaíl Lérmontov

Este tomo conta a história de Grigóri Petchorin, oficial russo viajando e servindo na região do Cáucaso. O *bon vivant* criado pelo poeta e prosaísta Mikhaíl Lérmontov entra na galeria de “homens supérfluos” da literatura russa do século 19 iniciada com “Evguêni Onéguin”, de Púchkin.

Membro altamente educado da aristocracia russa, Petchorin é cínico, niilista e melancólico. Ele não tem qualquer objetivo na vida e brinca com a morte, vendo os outros como objetos de experimentos cruéis e prazeres hedonistas.

O herói de Lérmontov ganhou a companhia de muitas outras personagens similares posteriormente na literatura do século 19. Junto com Púchkin, Lérmontov é considerado um dos grandes poetas russos.

O título foi publicado em português em 1976, pela Editora Europa América, em 1999 pela Martins Fontes, e em 2008 pela portuguesa Lisboa, Assirio e Alvim.



Por P. E. Zabolotsky, professor de pintura de Lérmontov, 1837

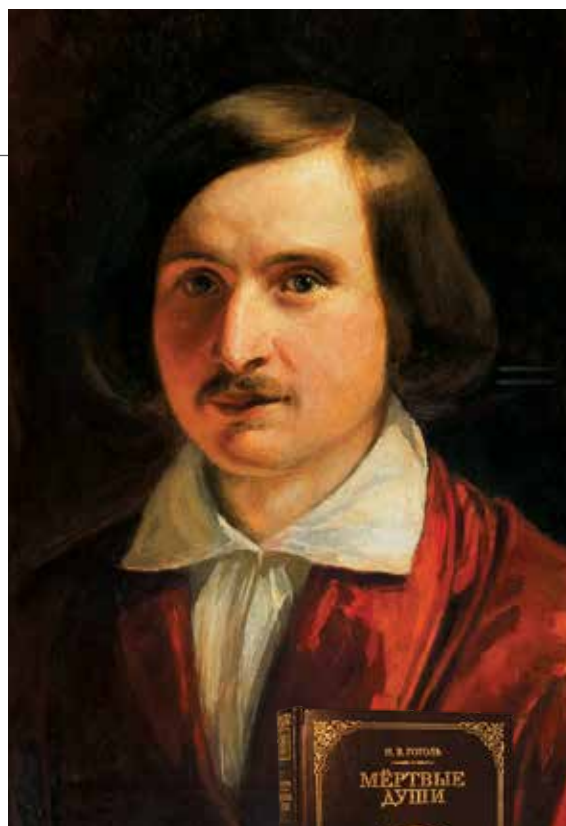
Almas Mortas

Nikolái Gógol

"Almas Mortas", de Nikolai Gógol, é uma das mais poderosas obras da literatura russa do século 19. Seu autor, porém, queimou a sequência e em seguida morreu acometido por uma doença mental.

Reza a lenda que Gógol tirou a ideia da trama de Aleksandr Púchkin. O livro conta a história de um nobre pobre, Pável Tchitchikov, que viaja pelo país comprando servos mortos, que só existem no papel, para dar um golpe ao hipotecá-los. Seu plano consiste em pegar um empréstimo bancário e fugir.

As viagens de Tchitchikov exploram a realidade russa do século 19 no campo e os tipos ali vivendo. A obra foi publicada inúmeras vezes em português, mas em 2019 ganhou nova versão direta do russo pelo gigante da tradução Rubens Figueiredo para a editora 34.



Gógol por Fedor Antonovich Moller, 1840s



Ilustrações de Mechislav Dalkevich

Crime e Castigo

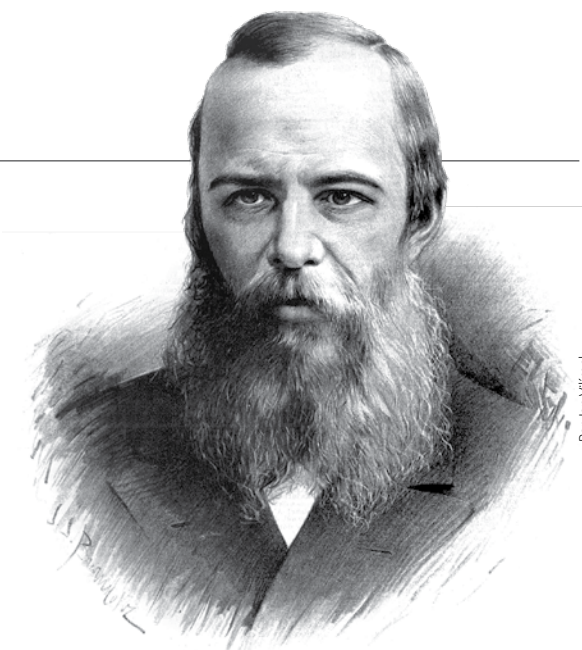
Fiódor Dostoiévski

Com mais de 25 adaptações em filmes mundo afora, “Crime e Castigo” é, provavelmente, a obra mais famosa de Fiódor Dostoiévski. A história retrata os dilemas morais de um ex-estudante, Rodion Raskólnikov, que se depara com a questão sobre ser ou não “uma criatura que teme” e se “tem o direito” de matar.

Ele se compara a Napoleão e pensa que boas intenções podem justificar qualquer crime. Ele mata uma velha agiota e se entrega à polícia como resultado da angústia moral.

Em São Petersburgo, onde ocorre o romance, há hoje uma infinidade de passeios turísticos dedicados à vida de Raskólnikov.

Como a anterior, esta obra foi publicada diversas vezes em português. Sua versão mais badalada no Brasil, porém, é a traduzida por Paulo Bezerra para a editora 34.



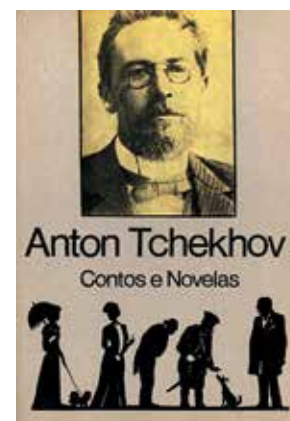
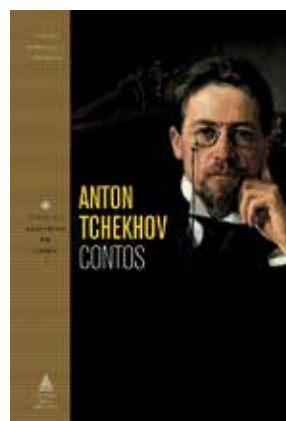
Por Jan Vilimek



Crime e Castigo, filme produzido por Andrey Sigle, com direção de Dmitry Svetozarov, 2007



Selos postais de 2010 em homenagem a Tchekhov



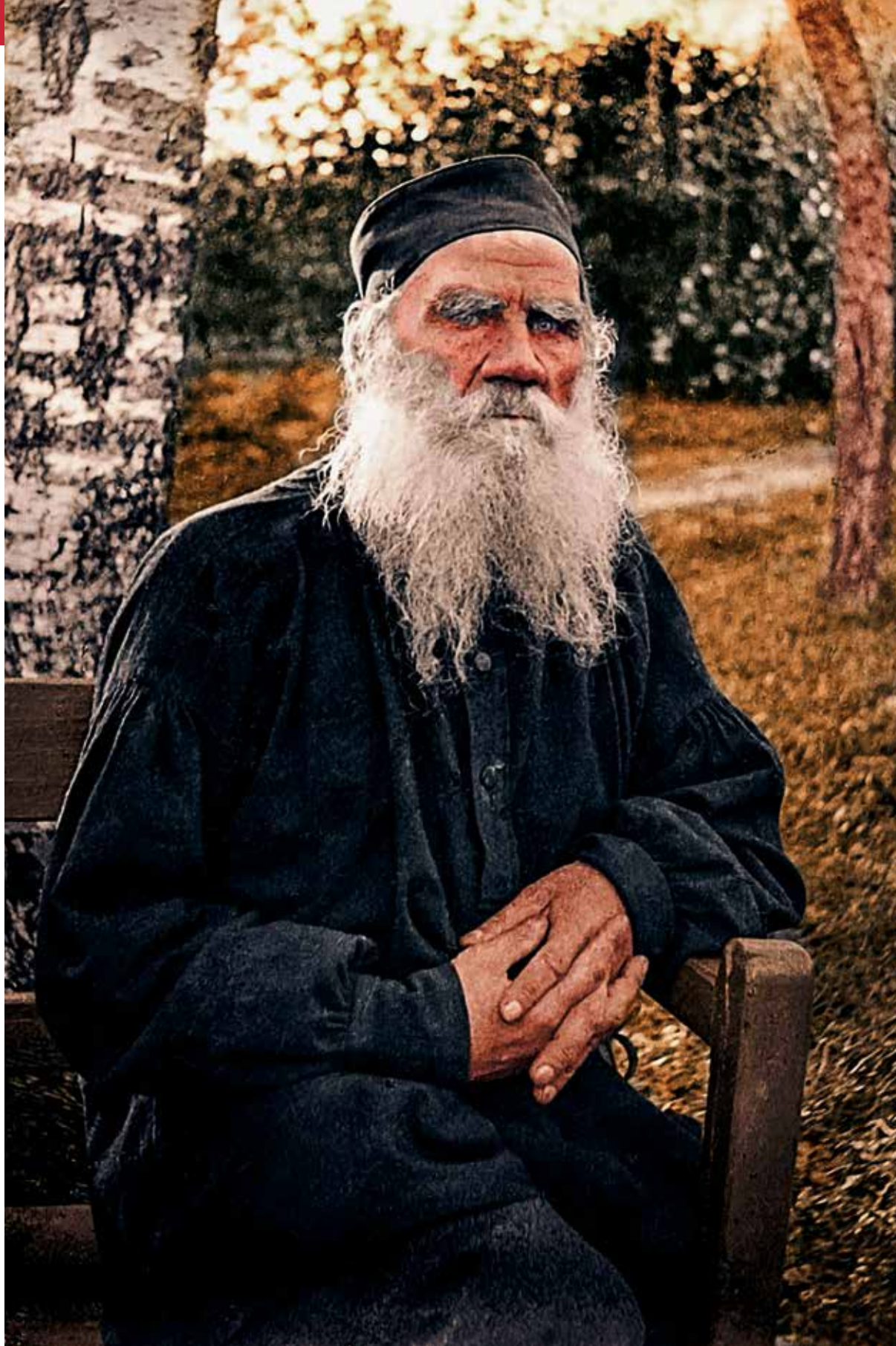
Contos de Anton Tchekhov

Os russos começam a ler os contos curtos de Tchekhov muito cedo. Por exemplo, a terna história de um cachorro devotado a seu mestre, "Kachtánka" tocou os corações de muitas crianças.

Engraçadas, curtas, cheias de humor, ironia e sátira, as histórias de Tchekhov sempre foram amadas, tanto por crianças, como por adultos na Rússia. Entre elas, estão "O gordo e o magro" e "Pequena Trilogia".

Já os dramas "A gaivota", "Tio Vânia", "As três irmãs" e "Jardim de Cerejeiras", frequentemente estudados mais tarde, no colegial.

Os contos de Tchekhov foram publicados em inúmeros tomos em português.



Guerra e Paz

Lev Tolstói

Talvez nem todos os russos tenham conseguido terminar todos os volumes de “Guerra e Paz”, cujas primeiras páginas foram escritas em francês. Mesmo assim, quase todo mundo retoma a leitura alguns anos depois.

Alguns preferem as linhas dedicadas ao amor, outros gostam das descrições da guerra contra Napoleão entre 1805 e 1812.

Sem dúvida, porém, “Guerra e Paz” é um dos mais importantes livros da literatura russa e mundial.

Na era soviética, ele era o livro mais publicado do país, com mais de 360 milhões de cópias impressas em 312 edições.

No Brasil, sua edição mais disputada foi a vertida por Rubens Figueiredo para a finada editora Cosac & Naify em 2011, hoje publicada pela Companhia das Letras.



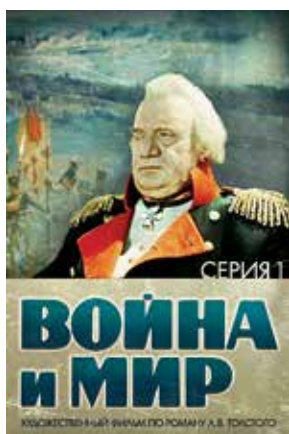
Ilustrações de Alexander Petrovich Apsit



Jeremy Brett e Audrey Hepburn em
cena do filme Guerra e Paz, de 1956









Adaptação soviética do romance Guerra e Paz, lançada em quatro partes entre 1966 e 1967. Sergei Bondarchuk dirigiu, coescreveu e estrelou os filmes como Pierre Bezukhov. Produzido pela Mosfilm entre 1961 e 1967, foi o filme mais caro produzido na União Soviética. Um enorme sucesso de público, atraiu mais de 135 milhões de espectadores. Em 1969, venceu o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, derrotando os filmes dos diretores François Truffaut e Miloš Forman.

Parte I: Andrei Bolkonsky (1966)

Parte II: Natasha Rostova (1966)

Parte III: O Ano de 1812 (1967)

Parte IV: Pierre Bezukhov (1967)



O Don tranquilo

Mikhaíl Chólokhov



A autoria deste livro que rendeu o Nobel de literatura de 1965 a Mikhaíl Chólokhov, ainda é debatida por críticos literários. Alguns afirmam que não é possível que um autor de 22 anos tenha escrito trabalho excepcional como este sendo tão jovem.

Os rascunhos à mão de Chólokhov foram perdidos há muito tempo, algo bastante estranho, se levamos em conta a importância e extensão do romance. Alguns especialistas acreditam que ele tenha sido escrito, na realidade, por Fiódor Kriukov, oficial do Exército Branco.

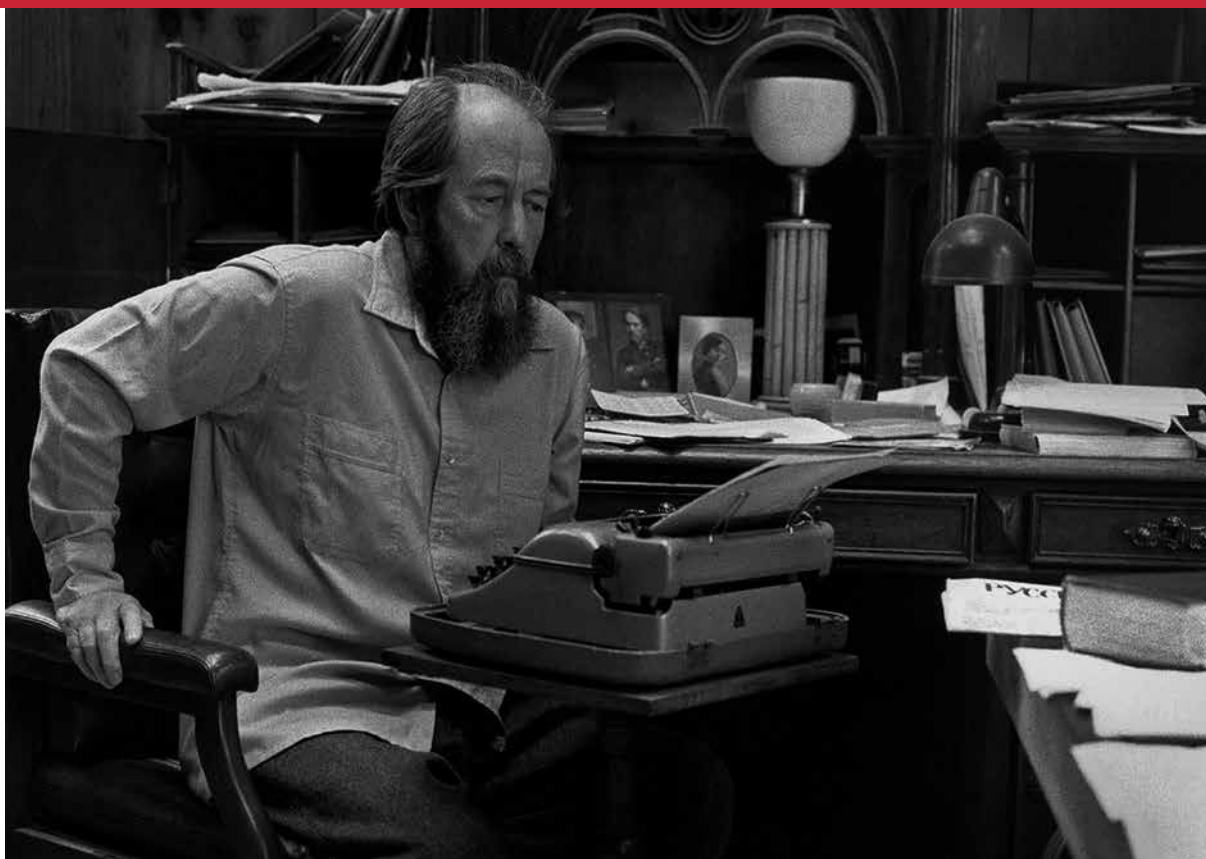
Qualquer que seja a verdade sobre sua autoria, este livro, que descreve a vida dos cossacos do Don e o destino de um homem durante a Revolução Russa, é um dos mais significativos da literatura russa do século 20.

Ele foi publicado nos anos 1980 pela editora portuguesa Livros do Brasil e pela brasileira Record, além de, nos anos 1970, pela Opera Mundi, aparecendo por vezes sob o título "Don silencioso".



Chólokhov analisando originais de um ensaio. Foto de A. Menos, 1944





Um dia na vida de Ivan Denissovitch Aleksandr Soljenitsin

Os escritos do ganhador do Nobel de literatura de 1970, Aleksandr Soljenitsin, foram proibidos por muito tempo nas escolas russas.

Os contos do autor começaram a aparecer nas escolas do país apenas durante a Perestroika, no final dos anos 1980. Eles se tornaram a evidência mais crua das repressões soviéticas.

“Um dia na vida de Ivan Denissovitch”, publicado inicialmente em 1962, tem lugar central no estudo da literatura do século 20 em toda classe do colegial.

O livro conta a história de um dia na vida do prisioneiro Ivan Denissovitch Chikhov em um campo de trabalhos forçados soviético na década de 1950. A publicação do livro foi extraordinária porque foi a primeira vez que as repressões de Stálin foram descritas abertamente.

Nos anos 1970, a obra saiu em português pela Opera Mundi e pelo Circulo do Livro, reeditada por essa nos anos 1990 e editada também pela Publicações Europa-América. Em Portugal, foi publicada em 2012 pela Sextante.









O inverno russo na literatura

A dureza do inverno russo é lendária, mas os escritores e poetas revelam sua beleza e romanticismo em novelas clássicas, contos e poesias.

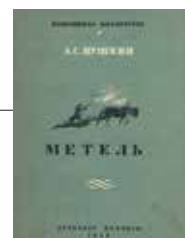
Cada estação do ano inspira a seu próprio modo escritores e poetas. Mas o inverno teve um efeito único: o silêncio tilintante, o brilho da neve, os sinos de uma troika correndo a toda, o ranger das pás e o som crocante das pisadas - quase todo clássico russo descreveu esses.

A peculiaridade do caráter russo se manifesta no amor ao inverno: a falta de sonhos, a ausência de pensamentos, o desapego, a existência em algum lugar "além", em algum tipo de conto de fadas meio dormente. Ao mesmo tempo, a prontidão a lutar contra a natureza ao redor - as nevascas, as tempestades de neve, o frio voraz - compôs a disposição de espírito nacional russa, tornando-a mais forte e completa.

E, claro, o inverno é tempo de contos de Natal e histórias mágicas.

Aleksander Púchkin "A Nevasca"

(em "Contos de Belkin")



Uma tempestade de neve interfere no destino dos protagonistas de Púchkin em "A Nevasca", mudando suas vidas. A heroína não consegue se casar com seu noivo, que está preso em uma tempestade de neve na véspera do casamento e não consegue encontrar o caminho para a igreja.

"Vladimir passou com dificuldade das margens da cidade aos campos, porém, quando o vento aumentou e transformou-se em tal tempestade que tornou-se impossível ver qualquer coisa. Dentro de minutos a estrada estava

completamente coberta de neve; os arredores desapareceram em uma neblina escura amarelada, através da qual voavam flocos de neve. O céu e o chão se fundiram. Vladímir, que se encontrava no campo, tentou, em vão, voltar à estrada; seu cavalo avançou a esmo de novo e de novo, fazendo agora seu caminho sobre um banco de terra, e agora caindo em um buraco. De novo e de novo o trenó virou. Vladímir se focou apenas em não perder o caminho verdadeiro. (...) A tempestade não diminuía, o céu não clareara. O cavalo começou a ficar cansado; o suor de Vladímir vinha denso e pesado, apesar de ele ter gradualmente se afundado até a cintura na neve."

Igor Sharmardanov para A Nevaska



Ilya Isupov



O. Komarinets para A noite de véspera de Natal

Nikolai Gógol "A noite de véspera de Natal"

(em "Noites na Granja
ao Pé de Dikanka")



Aqui, o protagonista, usando o recurso da cura dos espíritos do mal, consegue conquistar o coração de seu altivo amado.

"O último dia antes do Natal acabara de se encerrar. Uma noite clara de vento chegou, as estrelas apareceram, e a lua se ergueu de maneira majestosa nos céus para brilhar sobre os homens bons e o mundo em sua totalidade, para que eles pudessem cantar alegremente cânticos e hinos louvando o nascimento de Cristo. A geada aumentou, tornando-se mais severa durante o dia; mas, para compensar, tudo ficou tão imóvel que o quebradiço da neve sob o pé podia ser ouvido a quase meia versta. Ainda não havia um só grupo de jovens camponeses para serem vistos sob as janelas dos chalés; só a lua os espreitava furtiva, como se convidasse as donzelas, que estavam se embelezando, a andar depressa e correr sobre a neve quebradiça. De repente, para fora da chaminé de um dos chalés, volumes de fumaça subiam rumo aos céus, e, no meio dessas nuvens, subia, em uma vassoura, uma bruxa."



Anton Tchékhov "Vanka"

Em outra história que ocorre na véspera de Natal, um menino órfão de nove anos de idade escreve uma carta a seu avô, que está na aldeia, e lhe pede que o leve de Moscou, onde ele é mal tratado. Mas o menino esquece de colocar o endereço no envelope, indicando apenas "Para a vila do vovô..."

"O ar sereno, transparente, fresco. Era uma noite escura, mas a vila inteira, com seus telhados brancos, a fumaça subindo das chaminés, as árvores prateadas da geada, os montes de neve, podiam ser vistos de forma distinta. O céu estava salpicado com estrelas cintilantes, a Via Láctea se destacava claramente como se tivesse sido esfregada recentemente para o feriado e polida com neve..."



Aleksêi Tolstói "A infância de Nikita"

Um menino chamado Nikita se lembra de como ele viveu, certa vez, em uma aldeia. O romance retrata os jogos gelados e tranquilos de infância.

"Nikita desceu os degraus quebradiços do alpendre. Na parte de baixo havia uma pinha bem nova, transportada em um trenó com uma corda de fibra amarrada nela. Nikita olhou - era feito de maneira sólida -, ele testou e ela escorregou facilmente; ele laçou o trenó sobre seu ombro, pegou uma pá da qual pensou que pudesse precisar e percorreu o caminho em toda a extensão do jardim ao açude. Lá havia enormes salgueiros - eles quase alcançavam o céu - todos carregados de geada, de maneira que cada broto parecia ser feito de neve.

Nikita virou-se para a direita, em direção do rio e tentou se manter na estrada, seguindo as pegadas de outras pessoas.

(...)

Nos bancos íngremes do rio Tchagra, montes enormes e fofos de neve tinham se acumulado durante os últimos poucos dias. Em alguns lugares, eles formaram promontórios que se projetavam do rio. Se você ficasse de pé em um desses promontórios, a neve cederia, desmoronaria e toda a montanha de neve tombaria em uma nuvem de pó branco."





Ivan Turguêniev "Pais e Filhos"

O mestre da descrição de paisagens Turguêniev também não resistia à beleza do inverno russo.

"Passaram-se seis meses. O branco inverno instalou a cruel imobilidade das geadas sem nuvens, com sua neve crocante, o gelo róseo sobre as árvores, o céu de uma cor esmeralda esmaecida, a grinalda de fumaça se enrolando sobre as chaminés, o vapor emergindo das portas momentaneamente abertas, com aqueles rostos frescos que pareciam mordidos pelo frio; a noite fria penetrava aguda pelo ar sem movimento, e o pôr do sol brilhante esmorecia rapidamente."



Lev Tolstói "Anna Karenina"

A natureza furiosa de Tolstói admoesta o homem sobre suas dificuldades iminentes, expressando sua condição interna e pré-determinando seu destino. Assim, antes de seu primeiro encontro com Vrônski, Anna se vê em uma terrível nevasca.

"Ela abriu a porta e saiu. O vento parecia estar deitado esperando por ela; com um assobio alegre tentou arrebatá-la e ganhá-la, mas ela se agarrou à batente gelada, e segurando sua saia desceu para a plataforma e sob o abrigo dos vagões. O vento foi poderoso nos degraus, mas na plataforma, sob o abrigo dos vagões, havia uma calmaria. Com regozijo, ela tomou fôlego no ar congelado e nevoso, e, parando próxima ao vagão, olhou em torno da plataforma e da estação iluminada.

A tempestade veloz arremetia assobiando entre as rodas dos vagões, em torno dos andaimes, e na curva da esquina da estação. Os vagões, postes, pessoas, tudo o que podia ser visto estava coberto de neve de um lado e estava ficando cada vez mais e mais densamente coberto. Por um momento, viria uma bonança na tempestade, mas então ela seria assolada novamente com tais golpes que parecia impossível se colocar contra. (...) E agarrando-se à batente gelada, ela escalou os degraus e chegou rapidamente ao corredor do vagão. Mas no pequeno corredor ela parou, examinando em sua imaginação o que acontecera."



Angela Barrett para Anna Karenina

Musical adaptado de Anna Karenina, com direção de Jerzy Sheen, 2018







Boris Pasternak "Doutor Jivago"

O frio severo do inverno de Pasternak contrastava com o calor das relações humanas, que está impregnado pela luz do fogo e das velas que vaza pelas janelas. Essa luz nos acalma e nos dá esperanças de que a primavera chegará definitivamente depois do inverno.

"Somente agora, quando ela saiu pela segunda vez, olhou em volta de si. Era inverno. Era a cidade. Era noite.

Fazia um frio cortante. As ruas estavam cobertas com uma camada de gelo grossa, negra, como o fundo das garrafas de cerveja. Doía para ela respirar. O ar estava denso com um granizo cinza e coçava e picava seu rosto como as cerdas cinzas congeladas de sua capa de pele. O coração golpeando, ela andou pelas ruas desertas, passando as portas que soltavam vapor das lojas de chá baratas e restaurantes. Os rostos vermelhos como salsichas e as cabeças de cavalos e cachorros com barbas de pingentes de gelo emergiram da névoa. Uma crosta densa de gelo e neve cobria as janelas, e os reflexos coloridos de árvores de Natal acesas e as sombras dos foliões se movia através de suas superfícies branco-giz opacas como nas telas de lanterna mágica; eram como shows sendo feitos para o deleite dos transeuntes."



Cenas do filme Doutor Jivago, dirigido por David Lean, com Omar Sharif, Julie Christie e Geraldine Chaplin, 1965





Tchékhov lê "A gaivota" a um grupo de atores do Teatro de Arte de Moscou. Entre eles estão Konstantín Stanislávski (à esquerda de Tchékhov), Olga Knipper (segunda à direita de Tchékhov), Vsevolód Meyerhold (direita), e Vladímír Nemirovitch Dantchenko (em pé à esquerda), 1899

7 motivos para largar tudo agora mesmo e ir correndo ler Tchékhov

Por **ALEKSANDRA GÚZEVA**

O nome deste grande escritor russo está associado sobretudo ao teatro. Mas ele não era apenas um dramaturgo incrível, como também um gênio dos contos. Infelizmente, porém, sua obra foi, por vezes, ofuscada pela de Tolstói e de Dostoiévski.



Ele conhecia muito bem o ser humano

Antón Tchékhov nasceu em 1860 na cidade de Taganrog (quase mil quilômetros a sul de Moscou). A casa onde ele viveu por lá é hoje um museu.

Aos 19 anos de idade, Tchékhov partiu rumo à capital e se matriculou na faculdade de medicina da

Universidade Estatal de Moscou. Ainda durante seus estudos, Tchékhov começou a trabalhar como médico, e praticou a medicina por toda sua vida.

Por lidar com todo tipo de gente durante o tempo em que trabalhou como médico, seus contos penetram na essência da alma humana, e trazem uma ironia fina da banalidade e vulgaridade da sociedade.

Os 3 melhores contos de Tchékhov, segundo o editor do Russia Beyond:

"Queridinha": Olga é uma moça gentil e angelical, apelidada pelos amigos de dúchetchka (querida). Ela tem uma necessidade vital de sempre amar alguém, e quando se casa com um diretor de teatro se interessa e se envolve profundamente com a produção teatral. Após a morte do diretor, ela se casa com o gerente de um armazém de madeira e começa

a trabalhar com ele, passando a achar que o negócio madeireiro é o mais importante do mundo. Ela se esquece do teatro rapidamente. Mas então seu marido morre e... bem, você entendeu. E assim vai. Ela se sente feliz sempre cuidando de algum homem e se imiscuindo em seu mundo. Até hoje há mulheres assim, que são chamadas na Rússia de dúchetchka.

“Homem num estojo”: Havia um homem que “era notável por sempre calçar galochas e vestir um casaco quente estofado e carregar um guarda-chuva mesmo no melhor tempo”. Ele tinha estojos especiais para o guarda-chuva, a caneta, a faca e relógios de pulso. Ele trancava a casa com várias fechaduras e, aparentemente, queria se fechar para o mundo externo. Ele fazia tudo corretamente e tinha medo de qualquer coisa fora das regras. Finalmente, quando ele morreu e foi colocado no caixão, seu rosto parecia feliz, como se “ele estivesse feliz de finalmente ser colocado em um estojo que nunca deixaria”.

“A dama do cachorrinho”: este conto relata a história de duas pessoas que não estavam felizes no casamento e, por acaso, se conhecem em um balneário na cidade de Ialta, na Crimeia. Encontrando-se, eles ficam temporariamente inspirados e a vida retorna a seus corações. Mas então eles sofrem ainda mais quando percebem estar deixando de lado suas famílias. No século 19, o divórcio era absolutamente unimaginável e um procedimento muito complicado. Assim, os dois pombinhos continuam se encontrando, gozando de seu amor, até que um dia eles finalmente percebem que não são mais jovens e que sofrem da natureza ilícita de seu romance.

2

Tinha um forte (e inteligente) senso de humor

O humor inteligente de Tchékhov é o que os russos costumam chamar de “rir da desgraça alheia”, quando a graça está nos pecados e falhas dos outros – mas você acaba percebendo cometer os mesmos erros, assim como quase todo mundo.

Um dos traços mais marcantes de Tchékhov, que o destaca mediante outros escritores russos, é que suas histórias não são moralizantes. O leitor tem permissão para tirar suas próprias conclusões, então o sentido da história pode mudar, dependendo de quem a estiver lendo.

“O camaleão”, por exemplo, conta a história de um homem que maltrata de um cão até perceber que ele é o cachorro do general. De repente, ele começa a

tomar conta do cachorro de modo excepcional. Mas o comportamento do homem muda, dependendo de quem as pessoas dizem ser o proprietário do bichinho.

3

Ele explora a misteriosa alma russa

Já mencionamos o conto curto “Queridinha”, que ajuda a compreender a alma de uma russa com seu forte instinto maternal. Lev Tolstói, aliás, reagiu de maneira contrária ao fato de que Tchékhov desperta nosso riso quanto à “Queridinha”. Tolstói se sentiu tocado pela natureza sincera dessa mulher simples e sua habilidade para amar.

As personagens de Tchékhov são as chamadas “pessoas pequenas”, marcadas por aspectos ridículos. O autor não tenta levantar a questão do sentido da existência humana, ele apenas mostra pessoas comuns com seus problemas diários.



Queridinha, encenada pelo Teatro Dramático da Câmara Vologda, 2017





Tio Vânia, encenação do Teatro de Moscou, 2017



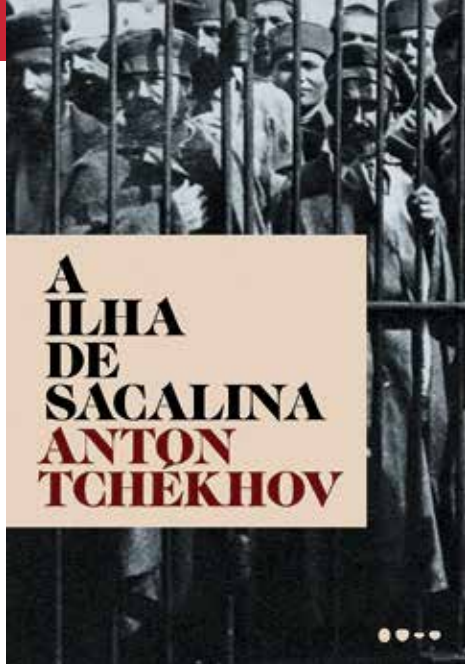
A Gaivota, filme dirigido por Michael Mayer, 2018



Peça Jardim das Cerejeiras, dirigida por Sergey Bezrukov, 2017



Encenação de Três Irmãs, com direção de Sergey Zhenovach, 2018



4

Ele arriscou a saúde pela escrita

Já doente, com tuberculoso, Tchekhov fez uma longa viagem pela Sibéria até a Ilha Sacalina. Naquele tempo, ela era conhecido apenas como uma terra distante onde prisioneiros haviam sido exilados, um lugar ainda pior e mais distante que a Sibéria.

Mas Tchekhov corajosamente foi até lá para pesquisar como o povo local vivia. Ele chegou a fazer até mesmo uma espécie de censo da população, e escreveu um trabalho de não ficção descrevendo a vida dos habitantes da ilha, que poucos do mundo exterior conheciam anteriormente.

5

Suas peças inspiraram o sistema de atuação de Stanislávski

"Três irmãs", "Jardim das cerejeiras", "Tio Vânia" e "A gaivota": essas obras dispensam apresentações. Todas estrearam no Novo Teatro de Arte de Moscou, que hoje leva o nome de Tchekhov. Todas os papéis de protagonista feminina foram interpretados por Olga Knipper, jovem atriz com que Tchekhov se casou.

Tchekhov revolucionou o drama, trazendo pausas e longos diálogos, discussões banais do dia-a-dia, e sacrificando a ação, que antes era tão importante ao teatro.

Os diretores teatrais lendários Konstantín Stanislávski e Vladímir Nemirovitch-Dantchenko fizeram parcerias criativas com ele, tornando a arte teatral menos patética, mais próxima às pessoas, e retirando seu status de alta arte.

6

'A brevidade é a irmã do talento'

Este é um dos aforismas mais conhecidos de Tchekhov. Aliás, Tchekhov criou inúmeras frases espirituosas que entraram como aforismos para a língua russa. Não tem um pensamento sofisticado para postar no Facebook? Há inúmeras aspas de Tchekhov!

A brevidade é também uma das vantagens de Tchekhov, contra a verborragia contemporânea. A maior parte de seus contos são realmente curtos, e levam apenas cinco minutos para ler, mas alimentam a alma até a eternidade.

7

Porta de entrada da grande literatura

Entre os contos curtos de Tchekhov estão aqueles que as crianças aprendem ainda no primário. Por exemplo, "Kachtánka", a história de uma cachorrinha perdida que vai parar na casa de um palhaço.

Ele ama a nova amiguinha de quatro patas, e ela parece ser realmente muito esperta. O palhaço começa a se apresentar junto com ela, e durante uma apresentação Kachtánka vê seu dono original e corre para ele, toda contente.

Também há a história triste de um menininho, Vanka, que trabalha como aprendiz de um sapateiro. Na noite de Natal ele fica com saudade de casa e escreve uma carta, que encaminha "ao vovô na aldeia". Esta frase também se tornou um aforisma, e significa enviar algo para lugar nenhum. ■



Ilustração de Natalia Demidova para Kachtánka



Anton Tchekhov, por Isaac Levitan, 1886



Os 10 escritores infantis mais populares da Rússia

Por **ALEKSANDRA GÚZEVA**

Kornêi Tchukóvski lidera ranking, com 2,35 milhões de livros em 2016. Lista também contém estrangeiros, como Hans Christian Andersen.

Só em 2016, foram publicados na Rússia 198 títulos infantis de Kornêi Tchukóvski, com uma tiragem total de 2,35 milhões de cópias. Com esses números, a figura alta e engraçadíssima que também escrevia obras maravilhosas para adultos foi classificada como o autor infantil mais “pop” do ano. A Gazeta Russa compilou, com dados da Agência Federal para Publicações e Imprensa (Rospetchat), um ranking dos escritores infantis mais lidos do ano no país.

Kornêi Tchukóvski

198 títulos, 2,35 milhões de cópias

Não é por acaso que os livros de Tchukóvski (1882-1969) têm uma tiragem tão grande: na União Soviética, eles eram publicados em edições de milhões de cópias.



Ilustrações de Vladimir Kaniyets

Hoje ele continua a ser um dos mais populares escritores infantis do país. O sucesso de seu “Crocodilo” pode ser comparado ao de “Harry Potter”. Ele tinha um estilo muito vivo e amava as crianças, que, por sua vez, eram doidas por seus poemas e os sabiam de cor. O autor foi vertido para o português no título “Tarakã, o bigodudo” (“tarakã”, do russo, significa “barata”).

“Andavam os ursos
De bicicleta.
Depois vinha o gato
De trás para frente.
Depois os mosquitos
No balão.
Siris iam montados
No manco do cão”

Assim se inicia o título, que tem edição bilíngue no Brasil da editora “Kalinka” em parceria com a “Ars et Vita”.

Ágria Bartô

115 títulos, 1,19 milhão de cópias

2

Os poemas simples de Ágria Bartô (1906-1981) contam sobre uma bola que cai no rio, um coelhinho de pelúcia abandonado pelo dono na chuva, muitos outros brinquedos e, claro, crianças. Bartô usava linguagem extremamente simples para ensinar as crianças soviéticas normas básicas de convivência.

Foto de Vladimir Savostyanov/TASS



Ágria Bartô

É interessante notar que Bartô e Tchukóvski adoravam trocar farpas. Mas, nos rankings e nos corações infantis, os dois sempre andaram lado a lado.

Vladimir Stepânov

71 títulos, 909 mil cópias

3

Stepânov (1949-) era considerado por Bartô, por outro lado, um autor muito promissor. Ele estava envolvido com pedagogia infantil e criou a Enciclopédia da Criança na Pré-Escola, além de muitos outros livros didáticos em versos.

Nikolai Nôssov

101 títulos, 777 mil cópias

4

Nôssov (1908-1976) é mais conhecido pela criação do protagonista “Neznaika” (Sabe-Nada), um menino corajoso, mas desatento, que realiza diversas travessuras. O conto de fadas contém elementos de sátira, utopia e fantasia, e “Neznaika” viaja à lua com seus amigos. Nôssov tornou-se escritor quase por acaso, quando começou a contar histórias para o próprio filho e, depois, passou a escrevê-las.

Irina Gurina

57 títulos, 759 mil cópias

5

Gurina é uma das autoras mais modernas de nossa lista e seus poemas retratam computadores e dinossauros. Ela assina uma infinidade de contos de fadas, canções e poemas, assim como uma cartilha para brincar.



Vladimir Stepânov



Nikolai Nôssov





Irina Gurina



Hans Christian Andersen



Holly Webb



Aleksandr Púchkin



Samuil Marchak



Aleksandr Vólkov

Hans Christian Andersen

66 títulos, 633 mil cópias

6

O escritor de fábulas dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) dispensa apresentações. Na União Soviética ele era simplesmente adorado, e inspirou desenhos animados como “O soldadinho de chumbo”, “A rainha de neve”, “A princesa e a ervilha”, “A polegarzinha” e muitos outros. Hoje em dia, sua popularidade continua alta. Em 2006, o renomado diretor russo Eldar Riazánov fez um filme sobre o escritor, e uma nova animação de “A rainha da neve” saiu em 2012.

Holly Webb

87 títulos, 595 mil cópias

7

Os gatinhos, filhotinhos e menininhas nas capas de livros de Holly Webb (1976-), assim como outras histórias de Natal, ganharam os corações dos russinhos, fazendo com que a autora britânica empurrasse para fora dos rankings de maiores tiragens de J.K. Rowling.

Aleksandr Púchkin

88 títulos, 574 mil cópias

8

“Púchkin é tudo para nós”, costumam dizer os russos. Com efeito, durante sua vida relativamente curta, ele conseguiu escrever muitos poemas, um romance em versos, ficção histórica, dramas e até contos de fadas para crianças. Em seus livros, Púchkin (1799-1837) toma motivos folclóricos e os transforma em uma linguagem mais moderna. Eles se tornaram parte da cultura nacional e são conhecidos de

cor pela maior parte dos russos. Especialmente amadas e conhecidas são as edições ilustradas por Ivan Bilibin, e seus contos foram transformados em animações incontáveis vezes. Recentemente, o diretor Robert Wilson montou uma peça em Moscou baseada em contos de Púchkin.

Samuil Marchak

90 títulos, 532 mil cópias

9

Marchak (1887-1964) escreveu livros altamente populares na Rússia, como “Os 12 meses”, “Teremók” e “A casa do gato”. Ele também criou um dos primeiros teatros infantis de Moscou e escreveu peças para ele. Como Tchukóvski, Marchak é conhecido não apenas pela literatura infantil, mas também pela adulta e por traduções da literatura inglesa: Shakespeare, Kipling e Wordsworth.

Ele também foi o responsável por verter “Winnie the Pooh”, de A. A. Milne, para as crianças soviéticas. Foi seu filho, aliás, quem traduziu “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen, para o russo. O último secretário literário de Marchak foi o jornalista russo Vladímir Pozner.

Aleksandr Vólkov

53 títulos, 392 cópias

10

Um dos títulos mais famosos de Vólkov, “O Mágico da Cidade Esmeralda” é baseado no conto de fadas “O Incrível Mágico de Oz”, de Frank Baum. Uma garota chamada Ally, assim como Dorothy, vive no Kansas com seu cachorro Totoshka e é levada por um furacão, viajando após isso com um leão medroso, um espantalho e um homem de lata. ■



Samuil Marchak em 1947
(Foto: RIA Novosti)





"Crime e Castigo", 153 anos depois

Por **VIKTORIA DREI**



O romance de Dostoiévski sobre um estudante universitário de São Petersburgo que assassina duas senhoras idosas causou enorme impacto na literatura e na cultura, não apenas na Rússia, mas em todo o mundo, e ainda hoje é terreno fértil para atividade criativa e buscas filosóficas. Este ano marca o 153º aniversário da primeira edição da obra.

Em agosto de 1865, o filho do comerciante Guerásim Tchistov, um cismático ("raskólnik", em russo, ou seja, adepto à corrente religiosa dos 'fiéis antigos'), foi acusado de assassinato premeditado de duas senhoras – uma lavadeira e uma cozinheira – com o objetivo de roubar a residência da patroa delas. Objetos de ouro foram roubados de dentro de um baú de ferro, e as vítimas foram mortas com a mesma arma: um machado.

Muitos críticos acreditam que foi justamente essa história tirada da crônica cotidiana que serviu de base para o romance "Crime e Castigo".

Segundo o escritor e pintor alemão-suíço Hermann Hesse, Dostoiévski conseguiu, por meio de sua famigerada obra, capturar a imagem de toda uma época da história.

O francês Albert Camus confessou que os romances do russo lhe causaram verdadeira comoção na alma, sentimento que carregou em toda a sua produção literária. O mesmo ocorria com escritor de ficção e romances policiais

Boris Akunin, cuja releitura "F.M." (Fiódor Mikhailovitch), reproduz o crime de Raskólnikov, porém transforma o investigador Porfiri Petrovitch em personagem principal.

"Crime e Castigo" exerceu também grande influência na esfera teatral e cinematográfica. Encenada por toda a Europa, a peça ganhou destaque especial com a produção de Paul Ginisty apresentada no teatro parisiense Odeon, em 1888. E foram dezenas as adaptações para o cinema, sendo a primeira delas lançada ainda durante o Império Russo, em 1909.

O cineasta americano Woody Allen, conhecido pelo apreço por Dostoiévski, traz paralelos claros com "Crime e Castigo" em "Match Point" (2005) e "Homem Irracional" (2015). Mas é o drama do diretor soviético Lev Kulidjanov, de 1969, que continua sendo considerado a melhor versão.

Trabalho forçado antes, durante e depois

Dostoiévski passou quatro anos, de 1850 a 1854, cumprindo pena em um campo de trabalho forçado na Sibéria por ter distribuído uma carta proibida do crítico e articulista Vissarion Belínski. Em "Recordações da Casa dos Mortos", o autor descreve as terríveis condições a que esteve submetido na época e que o influenciaram.



Os males de sua época – pobreza generalizada, aumento da criminalidade e embriaguez – tinham presença forte em todas as suas obras.

Em 1865, Dostoiévski sugeriu a Mikhail Katkov, então editor da influente revista literária “Rússki Véstnik” (Mensageiro russo), que publicasse o pequeno conto “O relatório psicológico de um crime” na revista – aos poucos, o relato foi se transformando em um grande romance.

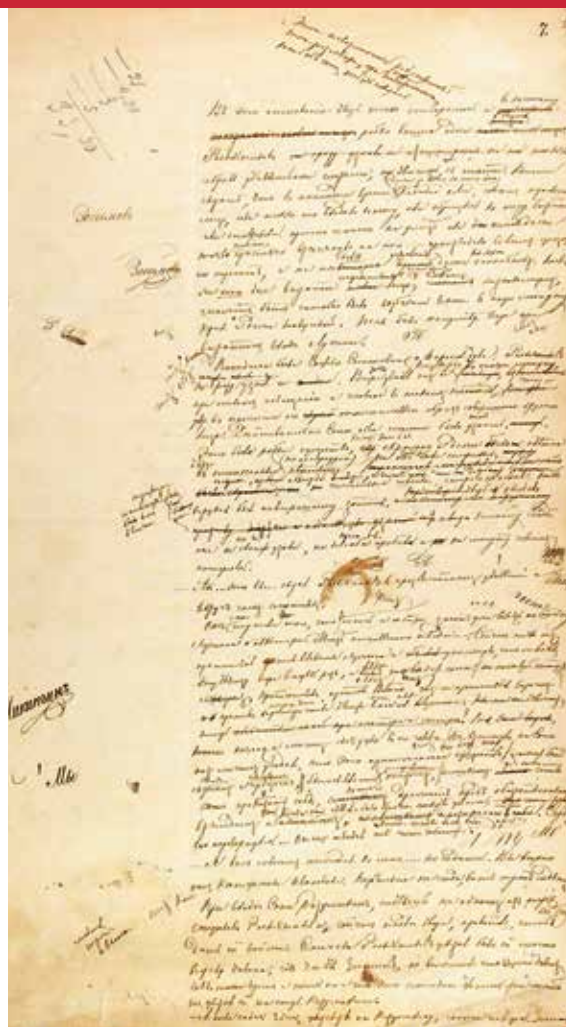
O escritor deixou de lado todos os outros trabalhos literários e durante todo o ano de 1866 se dedicou aos novos capítulos publicados gradualmente na “Rússki Véstnik”. Em suas palavras, trabalhava “como um condenado”, sem ir a lugar algum ou aparecer em público.

No ano de seu lançamento, em 1866, “Crime e Castigo” havia se tornado a obra mais discutida pela comunidade literária russa.

Manuscritos revelam crimes e castigos diferentes

Ao todo, foram preservados três cadernos de notas com rascunhos e observações sobre “Crime e Castigo”. Mas, na realidade, são três versões manuscritas do romance.

Os cadernos de rascunhos demonstram claramente quanto tempo o próprio Dostoiévski empreendeu na busca pela resposta para a principal pergunta do romance: por que Raskólnikov cometeu o assassinato? Por que ocorreu essa cisão (o sobrenome Raskólnikov vem de “raskol”, que significa “cisão” em russo) na alma do protagonista?



Em cada uma das versões existe uma interpretação diferente.

Na primeira, o herói mata uma criatura insignificante para que, com o dinheiro dela, trouxesse felicidade a muitas criaturas maravilhosas.

A segunda versão ainda apresenta um Raskólnikov movido por ideias humanistas de livrar o mundo de uma velha cobiçosa e gananciosa, em benefício dos humilhados, mas essa ideia paradoxal de matar por amor aos outros já estaria sendo revestida pelo desejo de poder.

Na terceira versão, Dostoiévski leva esse pensamento ao clímax: a chamada “ideia de Napoleão”, ou convicção de que existem pessoas que detêm o poder e estão acima da lei. A tentativa de entender se ele será capaz de matar e se ele tem esse direito corrói Raskólnikov.

Tudo indica também que o autor estava bastante confuso em relação ao final do romance. Em um dos manuscritos existe até uma anotação na qual Raskólnikov decide se suicidar.





Adaptação de Josef von Sternberg
para o livro Crime e Castigo,
com Peter Lorre, 1935



Oito curiosidades sobre Borís Pasternak

Por **INNA PARFÉNOVA**

Prosaísta e poeta russo vencedor do Prêmio Nobel ficou mais conhecido pela obra “Doutor Jivago”.

O *Russia Beyond* compilou oito fatos curiosos sobre o escritor Borís Pasternak, ganhador do prêmio Nobel de literatura em 1958 e autor do clássico “Doutor Jivago”.

para Mikhaíl Lêrmontov e Lev Tolstói, que elogiava muito seus traços.

Suas obras podem ser encontradas nas coleções dos principais museus do mundo. A mãe de Borís Pasternak, Rosalia, era uma talentosa pianista e professora de música.

Família de artistas

Borís Pasternak nasceu em uma família de artistas. Seu pai, Leonid Pasternak, era um pintor famoso, membro da Academia de Artes de São Petersburgo, e renomado especialista em ilustrações de livros, com trabalhos

1

Livro proibido

2

“Doutor Jivago”, de 1955, foi proibido na União Soviética por mais de 30 anos. O livro precisou ser contrabandeado para o Ocidente, onde foi publicado pela primeira vez na Itália, em 1957.

Primeiras edições de Doutor Jivago em italiano e russo



Um arquivo secreto recentemente liberado pela CIA confirmou o envolvimento da agência de inteligência americana na publicação deste romance “antissoviético”.

Em 1958, Pasternak foi premiado com o Nobel de literatura, que foi forçado a recusar por pressão das autoridades soviéticas. O prêmio foi recebido pelo filho do autor, Evguêni, em 1989.

Somente em 1988, “Doutor Jivago” foi publicado na União Soviética, na mesma revista literária que se recusou a publicá-lo no ano de sua conclusão, a “Nôvi Mir” (“Mundo Novo”).

Críticas de Nabôkov

3

O famoso escritor russo-americano Vladímir Nabôkov fez duras críticas a “Doutor Jivago”, que tomou o lugar de “Lolita” nas listas de livros mais vendidos nos Estados Unidos em 1958.

Nabôkov descreveu a obra de Pasternak como “doentia, sem talento, falsa” e “absurdamente mal escrita”.

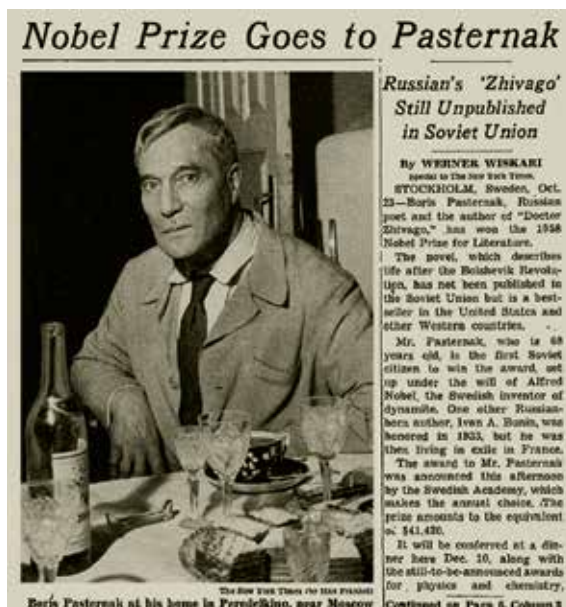
“Para mim, é um livro desajeitado e estúpido”, escreveu Nabôkov em uma carta a seu editor e amigo R. Grinberg.



Boris Pasternak com os pais Leonid e Rosalia, e o irmão Alexander, em Moscou



Boris e o irmão Alexander, pintados pelo pai Leonid



Notícia da vitória do Prêmio Nobel de Literatura, por Boris Pasternak, pelo livro Doutor Jivago

Mulheres na vida e na arte

4

As personagens femininas com quem se envolve o protagonista de “Doutor Jivago” foram baseadas em pessoas reais. A personagem Tonia Gromeko, esposa de Jivago, combina características das duas mulheres de Pasternak: a primeira, a artista Evguênia Lurie, e a segunda, a pianista Zinaída Neigauz.

Já a personagem Lara também tem características das esposas do autor, mas é inspirada no último amor de Pasternak, sua amante Olga Ivinskaia.

Em 1958, Pasternak escreveu: “[Olga Ivinskaia] era Lara em meu livro... um epítome de alegria e autossacrifício”.

Em uma entrevista a um jornalista inglês em 1959, o autor disse ainda: “Em minha juventude, não havia apenas uma Lara... mas a Lara de minha velhice está escrita em meu coração com seu sangue e sua prisão”, referindo-se a Olga.

Ivinskaia foi sentenciada duas vezes à prisão por seu relacionamento com Pasternak, o que causou grande angústia no escritor. Apesar disso, ambos afirmavam ter sido felizes em seus 14 anos juntos.

Filme premiado

5

A versão cinematográfica de “Doutor Jivago”, dirigida por David Lean para os estúdios MGM, foi o segundo filme de maior faturamento em 1965, atrás apenas de “E o Vento Levou”.

Ele ganhou cinco Globos de Ouro e cinco prêmios Oscar, e é considerado o 39º maior filme americano de todos os tempos pelo American Film Institute.

Um amor em cartas

6

Pasternak teve um relacionamento amoroso vivido totalmente por cartas com Marina Tsvetáeva, uma das grandes poetisas russas do século 20.

A correspondência dos escritores começou em 1922, quando Tsvetáeva vivia no exílio, e continuou até 1935.



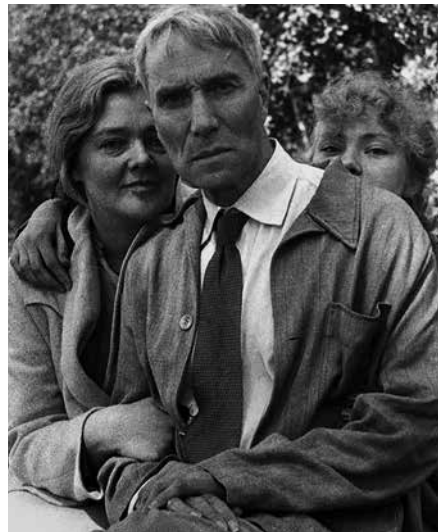
Marina Tsvetáeva



Zinaída e Boris



Borís com a esposa Evguênia Lurie e o filho



Olga Ivinskaia, Borís e a filha Irina Yemelianova



Datcha de Borís Pasternak em Peredelkino, onde viveu entre 1936 e 1960

No total, eles trocaram cerca de 200 cartas, algumas das quais nunca foram publicadas. Elas contêm conversas sobre seus trabalhos, sobre poesia e suas vidas particulares.

A troca de cartas terminou depois que se encontraram pessoalmente, em Paris, em 1935, e não viram muito em comum: Tsveltaeva mais tarde descreveria a ocasião como um “não encontro”.

Escritor, poeta e tradutor

7

Pasternak ficou famoso como tradutor, tanto quanto como escritor e poeta. Suas traduções de Schiller, Shakespeare e Goethe são consideradas obras-primas.

Pasternak e sua famosa datcha

8

Pasternak e sua família viveram em uma datcha (casa de campo russa) em um terreno em Peredelkino, no subúrbio de Moscou, por mais de 20 anos.

Em 1984, 24 anos após a morte do escritor, as autoridades russas confiscaram a casa da família do artista. Seus pertences foram jogados na rua, e familiares e amigos do autor só os salvaram com muita dificuldade.

Em 1990, após anos de pedidos, a datcha foi finalmente transformada em um museu, e os itens pessoais do escritor foram levados de volta a seu local original. Atualmente, o museu é administrado pela neta de Pasternak. ■





METRO · GOLDWYN · MAYER
PRESENTS
A CARLO PONTI PRODUCTION
DAVID LEAN'S FILM
OF BORIS PASTERNAK'S

DOCTOR ZHIVAGO

A



7 motivos para se apaixonar por Vladímir Nabôkov



Por **ALEKSANDRA GÚZEVA**

Este ano completaram-se 120 anos de nascimento do escritor, trilingue e amante de múltiplas ciências. Quer mais razões para não desgrudar dos livros do autor de 'Lolita'? Então confira nossa lista!

O escritor Vladímir Nabôkov (1899-1977) ficou conhecido por seu brilhantismo como romancista e tradutor, além de ser um destacado entomologista e talentoso enxadrista. Quase todo mundo leu, viu o filme ou pelo menos ouviu falar de "Lolita".

A controversa obra catapultou Nabôkov ao sucesso global, mas também lhe fechou as portas a um Prêmio Nobel. O escritor é, porém, muito mais do que esta obra apenas, e viveu em muitos países, fugindo inicialmente dos bolcheviques e, depois, dos nazistas. Então, fique por dentro deste panorama de suas contribuições para a cultura mundial:

Traduziu 'Alice no País das Maravilhas' para o russo

Aos 20 anos de idade, Nabôkov deixou a Rússia junto com a família, pois o pai se envolveu com a política durante a Revolução Russa, posicionando-se contra os bolcheviques. Nabôkov foi estudar no Trinity College, em Cambridge, onde fundou a Slavonic Society - que mais tarde tornou-se a Sociedade Russa da Universidade de Cambridge.

Durante o período, Nabôkov escreveu poemas em russo e fez a primeira tradução de "Alice no País das

Maravilhas", de Lewis Carroll, para o russo. É interessante notar que Carroll escreveu o romance depois de visitar São Petersburgo, onde Nabôkov nasceu.

Escreveu oito romances extraordinários em russo

Após estudar na Inglaterra, Nabôkov mudou-se para Berlim, onde se casou com Vera Slonim. Foi ali também que nasceu seu filho Dmítri, que mais tarde passou a defender a preservação do legado do pai, traduzindo seus romances e até mesmo publicando sua última obra inacabada "O original de Laura".

Devido a seu apressado exílio, um dos *leitmotifs* de Nabôkov é a nostalgia. Alguns de seus romances escritos em russo enquanto ele vivia na Europa exploram a questão da saudade da terra natal, além de chamar a atenção para a comunidade de imigrantes russos em Berlim e Paris.

"Mashenka", "A Defesa", "O Presente", "Convite para uma decapitação" e outras obras foram publicadas em russo na Europa e ganharam reconhecimentos entre os imigrantes russos. Embora as obras não tenham sido publicadas na União Soviética até a Perestroika, hoje elas são consideradas obras-primas também na Rússia.



Livro *Alice no País das Maravilhas* traduzido para o russo por Nabôkov



Coleção com palestras sobre literatura estrangeira e literatura russa



Ilustração científica de Nabôkov

Os romances de Nabôkov refletem sua profundidade intelectual, eles mostram um homem espiritualmente rico passando por problemas com a vulgaridade do mundo externo. Eles são altamente metafísicos, viajando entre a imaginação de Nabôkov, locações reais em Berlim, memórias de sua terra natal e o mundo das pessoas comuns.

Fez palestras importantes sobre literatura russa

Um crescente antissemitismo levou Nabôkov a fugir de Berlim e partir para Paris, antes de deixar completamente a Europa e se estabelecer nos Estados Unidos em 1940. Ali, ele deu palestras sobre literatura russa e lecionou no Wellesley College, onde fundou o Departamento Russo e, depois, o da Universidade de Cornell.

O pesquisador Fredson Bowers publicou o texto completo das palestras de Nabôkov em inglês com uma introdução do autor. Nelas, Nabôkov apresenta os clássicos russos mais importantes para o público norte-americano e, ao mesmo tempo, joga novas luzes sobre eles. Entre seus temas estão Nikolai Gôgol, Ivan Turguênev, Fiódor Dostoiévski, Lev Tolstói, Anton Tchêkhov e Maksím Górki.

Foi um aclamado pesquisador de borboletas

Além de trabalhar como professor de literatura, Nabôkov foi curador da coleção de borboletas no Museu de Zoologia Comparativa da Universidade de Harvard. Ele era obcecado por borboletas e reuniu uma enorme coleção desses insetos, com a qual sua mulher Vera presenteou a Universidade de Lausanne após a morte de Nabôkov.

Ele escreveu mais de 25 artigos e livretos sobre lepidopterologia e criou uma nova classificação para o gênero *Polyommatus* de borboletas. Ele menciona esses insetos cerca de 570 vezes em suas obras de ficção.

Há uma grande quantidade de pesquisas sobre as borboletas na obra de Nabôkov, e críticos literários sugerem que alguns desses insetos descritos nos romances de Nabôkov fazem alusões à vida real.

Assim, por exemplo, em "O Presente", uma borboleta amarela voa por locais de São Petersburgo que lhe relembram o pai, enquanto no autobiográfico "Outras margens" (ainda não publicado em português, mas vertido ao idioma

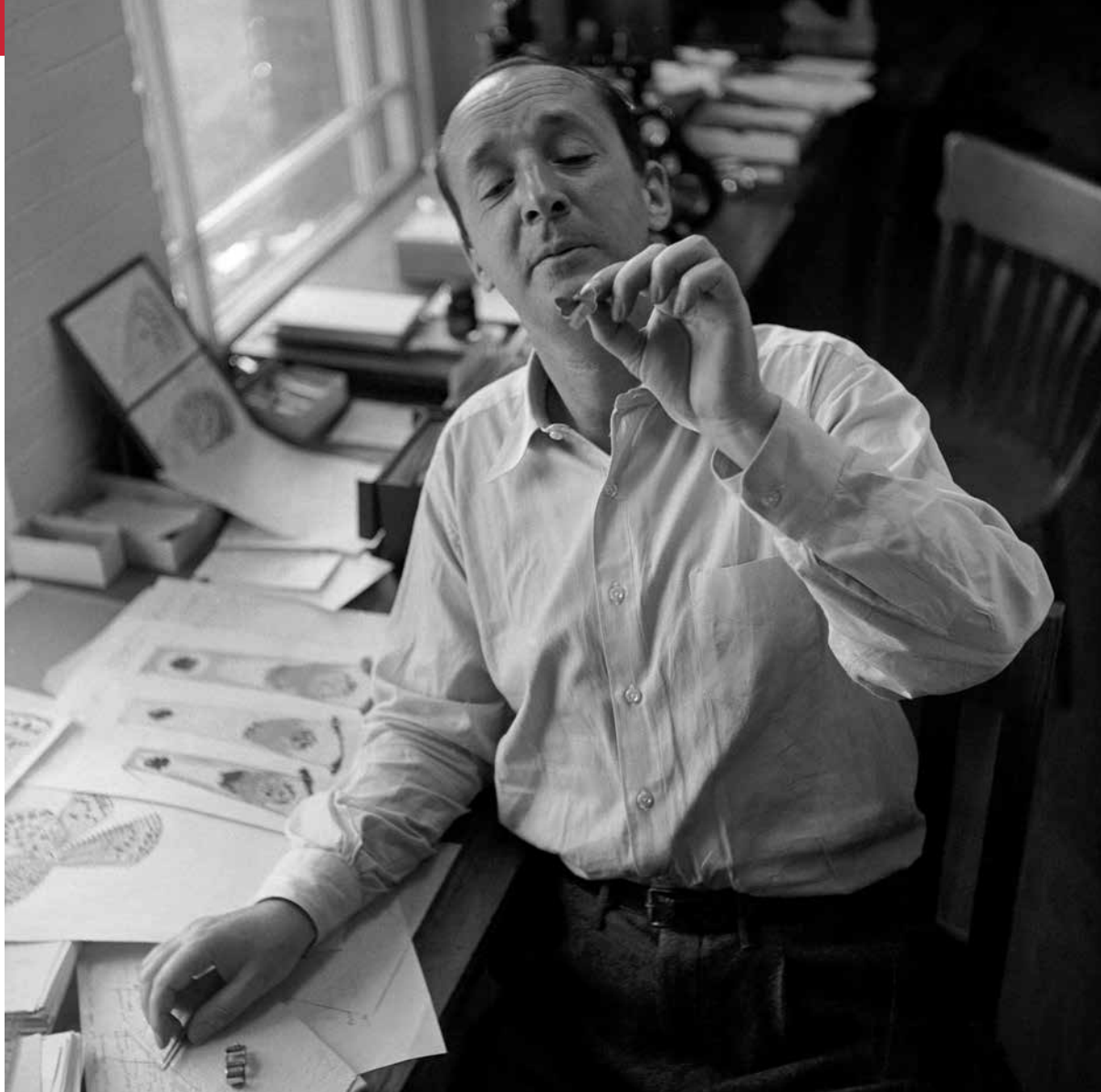


Foto: Constantin Joffe

pela tradutora e especialista em Nabôkov Graziela Schneider Urso em sua tese de doutorado), a rota de uma Papilionidae simboliza o caminho que o avô de Nabôkov, revolucionário dezembrista, tomou rumo a seu exílio na Sibéria.

Traduziu Eugênio Onéguin para o inglês

O romance em versos de Aleksandr Púchkin é uma das peças mais desafiadoras para qualquer tradutor do russo devido a suas estrofes especiais e à estrutura das rimas. Nabôkov escolheu não seguir a estrutura de Púchkin em sua tradução, afirmando que manter a rima e ritmo original mataria o espírito de Púchkin e a essência literária do trabalho.

Assim, ele traduziu a obra em prosa com dois volumes de detalhados comentários. A obra se tornou fundamental para tradutores e pesquisadores interessados em “Eugênio Onéguin”. Nabôkov criticou fortemente seu contemporâneo Walter Werner Arndt, que havia publicado uma tradução de “Eugênio Onéguin” um ano antes, em 1963, mantendo a estrofe estrutura e rimas. A obra teve uma nova versão em português, saindo em 2019 pelos tradutores Alípio Correia Neto e Elena Vássina - após a versão do embaixador Dário Moreira de Castro Alves, de 2010.

Além de “Eugênio Onéguin”, Nabôkov traduziu o clássico de Mikhaíl Lêrmontov “O Herói do Nosso Tempo”, para o inglês. Ele também foi o primeiro a traduzir “O Conto da Campanha de Igor”, poema épico sobre o século 12 que foi escrito no século 15.

Escreveu 'Lolita'

A obra, que Nabôkov escreveu durante uma viagem para coletar borboletas, ficou em quarto lugar na lista de 100 melhores romances em inglês da "Modern Library". Isto porque Nabôkov a escreveu inicialmente em inglês, para somente depois vertê-la ao russo. O livro lhe rendeu sucesso mundial e foi adaptado para o cinema e o teatro diversas vezes.

Outra grande obra que Nabôkov escreveu em inglês foi sua autobiografia, "Fala, Memória: Uma Autobiografia Revisitada" (que, no Brasil, saiu pela Editora Alfaguara). Nela, o escritor relata sua infância em uma família nobre russa de São Petersburgo a partir de 1903 e o período de sua emigração, até 1940. Existe também uma edição anterior de suas memórias em russo intitulada "Outras margens" (disponível em português na tese de doutorado de Graziela Schneider Urso).

Intelectual e gênio

Como talvez já esteja claro, Nabôkov era um homem extremamente inteligente que tinha tanto habilidades científicas, como linguísticas. Ele era realmente trilingue e, certa vez, comentou: "minha cabeça fala em inglês, meu coração, em russo, meu ouvido, em francês".

Ele aplicou todas essas habilidades para escrever, lecionar e traduzir. Ele também tinha um dom na sinestesia, que se manifestava ao "ver" a música e tendo um determinado sentimento sobre a cor de certos sons e letras. Isto é algo bastante raro que outros intelectuais renomados experimentaram, como Isaac Newton, Goethe e Carl Jung.

Outra curiosidade sobre Nabôkov é que ele escreveu seus romances em fichas (de fichários de anotações). Ele tinha milhares delas e só ele mesmo conseguia entender sua ordem e significado. Quando o filho publicou "O original de Laura", ele se encarregou de montar esse quebra-cabeça. Talvez não seja, portanto, de surpreender que haja muitos críticos discordando das escolhas de Dmítri.

Nabôkov também era fã de xadrez e resolvia questões do jogo. Diversos de seus romances mencionam o xadrez ou têm o xadrez como *motif*. O mais destacado nessa área, é, provavelmente, "A defesa", que tem um grande enxadrista como personagem principal. ■

Filme Lolita, de 1962, com direção de Stanley Kubrick







Pequenas livrarias de Moscou e São Petersburgo apostam na qualidade

Por ALIONA TVERÍTINA

Ponto de encontro de interessados em literatura, muitas dessas livrarias colaboram com editoras pequenas, cuja produção não se encontra nas grandes redes comerciais.

Poucos metros quadrados, conceitos interessantes, muitos eventos culturais – as livrarias da nova geração deixaram de ser só lojas comerciais e se converteram em espaços de comunicação: são ao mesmo tempo clubes, salas de conferências e pontos de encontro de interessados em livros.

Atmosfera e variedade são condicionados aqui pelo gosto dos proprietários. Na maioria das vezes elas não

vendem best-sellers – a preferência recai sobre livros menos lucrativos, mas de maior valor estético ou científico. Muitas dessas livrarias colaboram com editoras pequenas, cuja produção não se encontra nas grandes redes comerciais.

Ainda há uma década, os frequentadores deste tipo de estabelecimento eram, na sua maioria, boêmios e representantes da elite intelectual; hoje em dia, os seus visitantes pertencem aos mais variados círculos.

Promotoras do gênero são as populares livrarias moscovitas Projeto O.G.I. (1999-2012) e Falanster (funciona desde 2002), cuja influência se nota nas novas lojas.

Novos serviços

A decoração da cadeia livreira moscovita Magic Bookroom –pequena, mas notável–, criada em 2009, manifesta a ligação óbvia com os livros de Lewis Carrol.

“Queríamos –e conseguimos, ao meu ver– criar um espaço livreiro informal, sem esnobismo e pomposidade, que fosse um nó cultural, para podermos falar sobre tudo aquilo de que nos falam os livros: ciências, artes, ofícios criativos e outras coisas”, contou à Gazeta Russa Chachi Martínova, cofundadora da cadeia e conhecida editora da capital.

A Magic Bookroom explora a área de entretenimento: além dos encontros com autores, palestras e workshops, aqui são organizados “dodo-jogos”, inspirados pelos contos de Carrol, bem como sessões de leituras.

A minúscula livraria Khodashevitch (inaugurada em 2012, xodashevitch.ru) também propõe aos visitantes serviços interessantes. Aqui pode-se encontrar alfarrábios, remexer caixas com livros baratíssimos ou gratuitos e usar a loja como biblioteca: as assinaturas de dois meses, seis meses e um ano permitem o empréstimo de qualquer livro pelo prazo de até dez dias por apenas por 250 rublos (cerca de US\$ 8) por mês.

“O preço médio de um livro novo é 400 rublos (cerca de US\$ 12); durante um mês, é bem possível ler uns cinco livros –a vantagem do empréstimo é evidente”, considera Stas Gaivorónski, proprietário da loja.

Outro serviço da loja, o “Detetive Livreiro”, ajuda o leitor a garimpar as edições mais raras que existem no mercado. Segundo Gaivorónski, se um livro for difícil de encontrar, os custos do serviço rondam entre 1.000 rublos e 1.500 rublos (cerca de US\$ 31 a US\$ 46).

Entretenimento, busca livreira e um café acolhedor fazem parte da loja-clubê Guiperion (hyperionbook.ru), que tem um clube irmão em Munique –o centro cultural russo GOROD, em que reina o mesmo clima. Neste ano letivo, Guiperion e GOROD planejam lançar um projeto conjunto na área de turismo educacional.

São Petersburgo

Em São Petersburgo, a primeira livraria de nova geração chama-se Poriadok slov (Ordem de Palavras, wordorder.ru), aberta em janeiro de 2010. Nas suas prateleiras pode-se encontrar muitos livros de não-ficção de boa qualidade. Em cartaz estão palestras e sessões de cinema, onde convidam-se realizadores e escritores intelectuais de renome.



Projeto O.G.I



Falanster



Magic Bookroom



Khodassevitch



Poriadok slov



Podpisné Izdánia

Em 2011, num pátio ao lado da praça Dvortsóvaia, abriu as portas a livraria Vse svobodni (Todos Livres, vse-svobodny.com), com o ambiente de “biblioteca familiar petersburguesa”, como a denominam os criadores, Artiom Faustov e Liubov Beliátskaia.

“Fomos inspirados pela experiência da livraria Falanter”, conta Faustov. “Baseamo-nos nos mesmos princípios: primeiro, os livros não devem ser caros; segundo, nada de livros de mau gosto, nem que sejam muito procurados; terceiro, especialização em literatura e ciências humanas, que têm a ver conosco; quarto, independência.” Num anexo agradável, um seção de discos de vinil e uma sala de chá.

Em 2013, Artiom e Liubov abriram mais uma loja – a Mi (Nós, bookstore.org), em espaço outrora ocupado pela Casa de Livros Militares, uma das livrarias mais antigas de São Petersburgo. Segundo Faustov, “é a loja mais popular, baseada em livros infantis e de divulgação científica”.

A Casa de Livros Militares não conseguiu adaptar-se aos novos tempos e cedeu as suas instalações aos novos projetos. Entretanto, outra livraria de cadeia ainda soviética – Podpisné izdánia (Edições por Assinatura) – transformou-se que nem o Fénix, pássaro mitológico que renasce das suas próprias cinzas. Atualmente, está entre os espaços livres mais interessantes de São Petersburgo.

“Mudamos os interiores por completo e triplicamos nossa oferta” relata Mikhail Ivanov, coproprietário da loja. “Focamos nos livros intelectuais e infantis, com edições em línguas estrangeiras, álbuns extravagantes de artes, design e moda.”

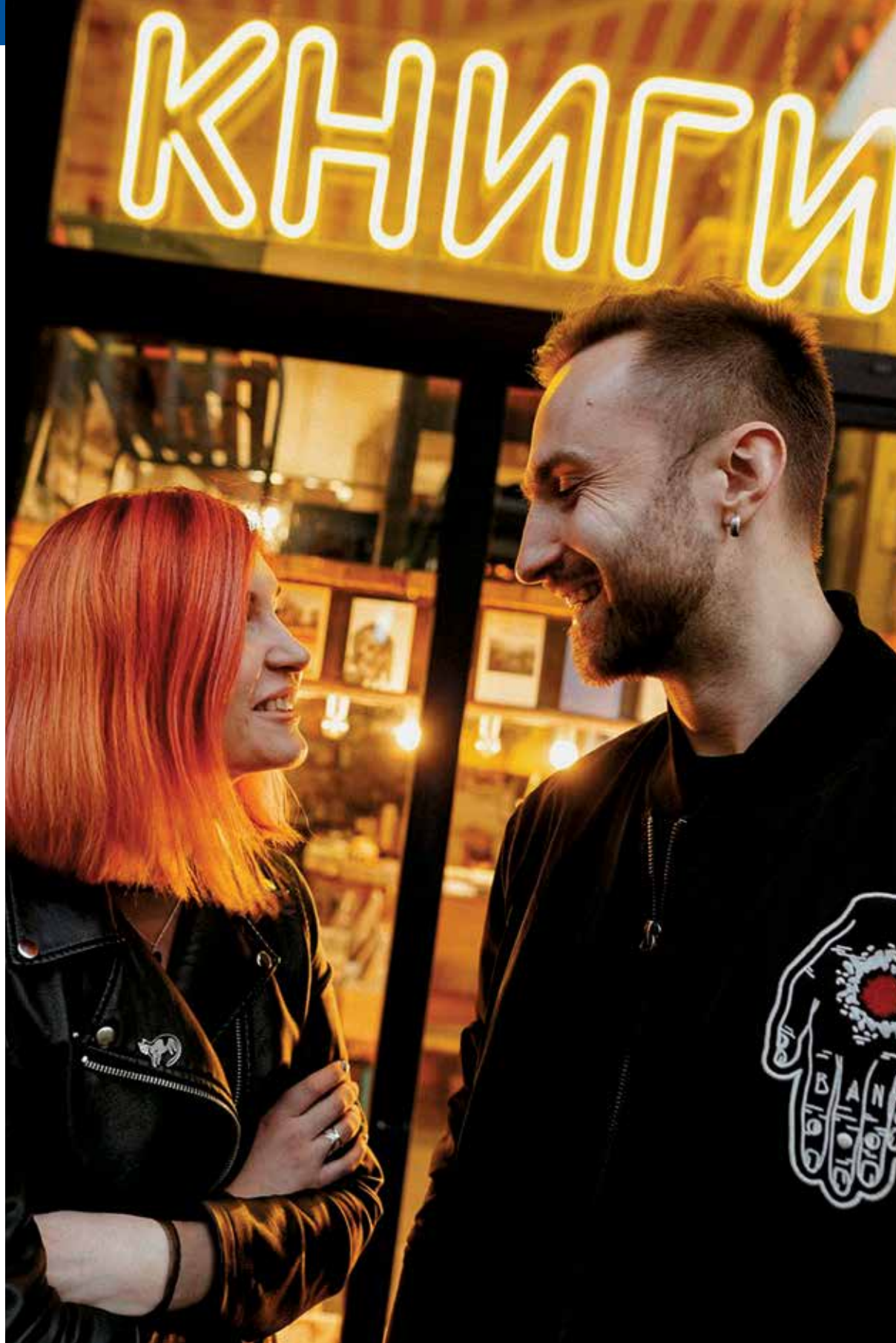
Há também uma cafeteria no local, e os discos de vinil proporcionam música de fundo e podem ser colocados por quem quiser.

Ultimamente, as livrarias da rede fizeram uma promoção especial: ofereceram livros de urbanismo e business a funcionários de várias entidades públicas.

“Queremos atrair a atenção deles para experiências inovadoras”, comenta Ivanov.

Novos pontos

Além dos projetos acima referidos, há muitos outros que se destacam: Tchitálka (Sala de Leitura, em gíria estudantil), Lávotchka détskikh knig (Lojinha de Livros Infantis), Tsiolkóvski, em Moscou; Svoí knigui (Livros Seus) e Books&More, em São Petersburgo. ■



Criadores da livraria Vse Svobodny, Liubov Bellátskaia e Artiom Faustov



O gosto da literatura: receitas de Gógol e Tolstoi

Por **MARIA AFONINA**, para a Gazeta Russa

Chefes e cozinheiros tentam refazer antigas receitas usadas por escritores clássicos russos e seus personagens.

É possível sentir o gosto da literatura? Uma exposição de livros sobre culinária intitulada "Alimento da alma", realizada recentemente no parque moscovita "Tsaritsino", foi dedicada justamente a essa questão. Chefes e cozinheiros tentaram refazer antigas receitas usadas por escritores clássicos russos e seus personagens.

Pernil de cordeiro para Sobakevich

O escritor Nikolai Gógol gostava muito de comer, apesar de sofrer de dores no estômago. Em seu "Almas Mortas", ele descreve em detalhes o almoço do protagonista Chichikov, organizado pelo latifundiário Sobakevich.

"Chegando à mesa de entradas, o hóspede e o proprietário tomaram vodca, acompanhada de comida, conforme é costume em todas as cidades e aldeias da Rússia, com verduras em conserva e outros, ou seja, todos os tipos de pickles e outras graças excitantes... 'Meu querido, esse 'chi' [sopa de repolho] de hoje é muito bom', disse Sobakevitch ao experimentar a sopa e servir um grande pedaço de 'niania', o famoso prato feito de estômago de cordeiro recheado com trigo-sarraceno, cérebro e pernas."

"Pegue o cordeiro", continuava ele a dizer a Chichikov. 'Essa é a paleta recheada com trigo-sarraceno! Este não é aquele prato de cordeiro que preparam para boiardos, que fica no mercado por quatro dias! Tudo isso é uma invenção dos médicos franceses e alemães. Inventaram o regime de tratar por meio da fome! Eu os mataria por isso! Eu, quando tenho porco, sirvo o porco inteiro; cordeiro, sirvo o cordeiro inteiro; ganso, o ganso inteiro!'"

Depois do cordeiro com trigo-sarraceno, servem "vatrouchka" [bolinho feito de queijo branco], e "peru do tamanho de um bezerro, recheado com ovos, arroz e fígado".

O estômago moderno mal aguentaria tal refeição, mas a receita de carneiro com trigo-sarraceno foi reconstituída. A vice-editora da revista culinária "Gastronom" e escritora de livros da área, Marianne Orlinkova, tentou preparar o prato sem o típico fogão russo:

"Em primeiro lugar, é preciso ferver o trigo-sarraceno em uma panela, tendo colocado sal antes. Adicionar cebola picadinha ao trigo-sarraceno, e tampar em seguida. Levar a panela por uma hora ao forno, pré-aquecido a uma temperatura de 100 graus. Adicionar manteiga ao trigo-sarraceno, preferencialmente uma colher de manteiga derretida para cada xícara de cereal.



Sobakevich em jantar, por Mechislav Dalkevich, 1901

As pessoas se alimentavam principalmente de vegetais e diferentes tipos de cereal.



64 | Rússia Hoje • 2019 #10



Festa de aniversário sem bolo?

Lúlia Vronskaia, outra convidada do evento, é autora do projeto "Bolo de Anque ou segredos da cozinha das grandes propriedades: Excursões Gastronômicas". O aplicativo gastronômico para iPhone traz as receitas de Sofia Tolstaia, esposa do conde Lev Tolstói, cardápios criados com base na literatura etc.

Vronskaia recomenda o bolo de Anque, feito a partir da receita de Sofia. A receita foi indicada a Tolstói por seu médico de família, Nikolai Anque.

Dize-se que todas as celebrações na família Tolstói eram um tour gastronômico. O bolo era um dos principais elementos da vida familiar. A receita vem a seguir:

Recheio:

Misturar um terço de manteiga com dois ovos e meia libra de açúcar; misturar a casca de dois limões e o suco de três limões. Ferver até tomar a consistência de mel.

Vronskaia diz que, apesar de ter um livro de receitas, Sofia Tolstaia não cozinhava muito. Diz-se até que Sofia cozinhava somente quando seu cozinheiro ficava bêbado. ■

Acima: Sofia Tolstaia e Lev Tolstói em refeição familiar em Yasnaya Polyana, c. 1905

Ao lado: Almoço para Lev, livro de receitas de Sofia Tolstaia, de 2016

Abaixo: bolo de Anque, por Patty Woodland



RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2019 #10

Capa: Ivan Krylov, Alexander Pushkin,
Vasily Zhukovsky, Nikolai Gnedich,
por Grigory Chernetsov. 1831

Sob direção
do Embaixador
da Rússia no Brasil
Sergey Akopov

Redação
Margarita Kazarian

Pesquisa iconográfica
Paulo Roberto Pereira Pinto

Direção de arte
Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão
Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração
Sputnik Brasil

Gazeta Russa

 RÚSSIA





